

UMA CONVERSA SOBRE A LINGUAGEM POÉTICA E CRÍTICA DO CONTO A ESCRAVA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Maria Eduarda Távora¹

João Vitor Melo²

Monalisa Valente Ferreira³

RESUMO

O conto A Escrava (1887), da autora afro-brasileira Maria Firmino dos Reis, retrata literariamente uma parte da história em que o escravizado não podia falar por si. Tais memórias – historicamente conhecidas por sua devastadora destruição cultural – marcam nações e os registros aparecem em tratamento estético pela escrita de uma mulher do século XIX, época dos recorrentes cerceamentos impostos às produções de autoria feminina. No conto, percebemos características temporais que moldam o auge do movimento abolicionista, assim como A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães (1875) e Navio Negreiro, de Castro Alves (1869). Entretanto, para os compêndios literários, os últimos foram cristalizados, enquanto a escritora manteve-se no que Moretti (2000) indica como “slaughterhouse of literature”. Ou seja, aquele espaço onde, a senda da exclusão é usada. A obra manteve-se, assim, invisibilizada e somente revisitada na contemporaneidade. Advindo de trabalho de uma disciplina de graduação das Letras, da Unilab, e por meio de pesquisa bibliográfica, enfatizamos aqui as análises estético-ideológica do fazer literário da autora, observando-se as formas de representações dos personagens e os discursos perpetrados em suas falas, bem como a observância do universo de produção no mergulho do contexto histórico-social vivenciado pela Firmino. O conto publicado pela Revista Maranhense possibilitou denunciar os dilemas da sociedade escravocrata e revela uma tentativa de dar voz e espaço àquela época para uma considerada parcela raramente ouvida, sequer representada nas obras nesse sentido dado pela escritora. Esta deu nome a esses indivíduos, deu lugar a uma história com intuito claro. Um lugar de representação na literatura, um propósito estético e uma figuração crítica dos meandros da sociedade assentada no trabalho escravizado. Assim, apresentamos uma escritora que vê o excluído e lê o próprio século mediante narrativas distintas, sendo ela própria uma que sofre os meandros de exclusões da própria história literária.

Palavras-chave: Literatura Afro-Brasileira; Literatura Abolicionista; Maria Firmina dos Reis.

UNILAB, CAMPUS DOS PALMARES, Discente, mariaeduatavoraa@gmail.com¹

UNILAB, CAMPUS DOS PALMARES, Discente, joaovitorr887900@gmail.com²

UNILAB, INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS, Docente, monalisa@unilab.edu.br³